

**Entrevista** Para Dilma Rousseff, perfil das importações melhora qualidade da produção e das exportações

# Desequilíbrios não afetam estabilidade, afirma ministra

**Cristiano Romero e Claudia Safatle**  
De Brasília

A ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, acha que, por ser forte produtor de alimentos e dispor de uma matriz energética diversificada, o Brasil é hoje o país mais bem posicionado para enfrentar a atual conjuntura internacional, marcada por pressões inflacionárias e incertezas no mercado financeiro. Na sua opinião, o país vive momento “virtuoso” e, por isso, não deve sucumbir diante de “falsos problemas”.

“Hoje, temos que ter cuidado para não achar que certos desequilíbrios momentâneos necessariamente perdurarão”, disse a ministra, referindo-se à preocupação de setores do governo com a volta dos déficits em conta corrente. “Temos justificativas para ter horror da inflação e de déficits. O que não podemos fazer é pegar uma oportunidade de ouro, como a de agora, e achar que ela reprisa velhos modelos. Ao mesmo tempo, não podemos deitar em berço esplêndido.”

Apelidada de “comandante-em-chefe” por colegas de ministério, a ministra critica ministros e assessores do governo que atacam a política de juros do Banco Central (BC). Nesta entrevista ao **Valor**, ela consagra o tripé da política econômica herdado do governo anterior e avisa que ele não mudará.

“Fico me perguntando por que alguém mudaria uma coisa que está dando certo. Nosso governo não fará isso em hipótese alguma”, descartou. “É uma maluquice a idéia de detonar a inflação para salvar o câmbio. Nunca vi isso dar certo.”

**Valor:** Há uma alta nos preços dos alimentos no mundo e desca- mento entre demanda e oferta no Brasil. Isso criou uma pressão inflacionária. Não há uma limitação física ao crescimento?

**Dilma Rousseff:** Não acredito. Em qualquer crescimento, pode haver gargalos localizados. Temos crescimento sustentado, em que a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) cresce na frente, puxando a indústria violentamente, como não aconteceu na história recente do país. A FBCF está crescendo 2,5 vezes o PIB. A taxa de investimento está em torno de 19,5% do PIB. Tí- nhamos que estar com uns 23% do PIB, mas vamos chegar lá. Do pon- to de vista da indústria, pode haver gargalos, mas não temos uma si- tuação estrutural de desequilíbrio.

**Valor:** Quais são esses gargalos?

**Dilma:** Há, por exemplo, uma demanda pesadíssima sobre aço e cimento. Ocorre que está havendo expansão no setor de cimento. Po- de haver uma pequena defasa- gem, mas isso não significa aque- le processo clássico de crise de oferta. Está acontecendo o contrá- rio no Brasil. Há decisões de in- vestimento sendo tomadas agora, o que significa ampliação de capa- cidade no futuro. É possível ver isso em várias áreas. Vai haver pres- são sobre mão-de-obra, mas não acho que haja um desafio para o país crescer. O que pode haver são gargalos pontuais, seja de equi- pamentos, seja da parte física da construção, seja de mão-de-obra. São gargalos solucionáveis. Não vejo nenhum problema estrutural insolúvel no curto prazo e nem grandes ameaças à estabilidade. Vamos ter de acompanhar com cuidado, mas não é possível afir- mar que estamos num ritmo de crescimento incompatível com a situação econômica específica dos diversos setores industriais, dos serviços e da mão-de-obra.

**Valor:** Não há risco de falta de energia nos próximos anos?

**Dilma:** Não. Voltamos a investir em energia hidrelétrica, resolve- mos parte do problema do gás, di- versificamos a matriz energética.

Como conseguimos despachar mais 4 mil megawatts? Construín- do gasodutos. A Petrobras engre- nou no fornecimento de gás. Fe- chamos o gasoduto Cabiúnas-Vi- tória, com geração de 1 mil me- gawatts. Sem gasoduto e sem molécula de gás, não tem milagre. Quando não tem gás, providencia- mos a importação de GNL (gás na- tural liquefeito) ou acionamos as usinas de bicomcombustíveis. Outro dia disseram que estamos com sor- te porque choveu muito e os reser- vatórios ficaram cheios. Não é isso.

**Valor:** Não?

**Dilma:** É linha de transmissão. Quando faltou energia no apagão de 2001, a capacidade de receber e enviar energia era de 2,5 mil me- gawatts médios. Isso eu sei porque estava no Rio Grande do Sul (como secretário de Energia do governo Olívio Dutra) administrando o apagão, que não ocorreu naquele Estado. Tínhamos sobra de ener- gia, mas não conseguíamos trans- mitir para outras regiões. Depois, inverteu-se a situação. Houve seca no Rio Grande do Sul, os reservató- rios baixaram e houve momentos em que passamos 6 mil megawatts médios para lá. Isso só foi possível porque dobramos a capacidade de transmissão. Entre o Sudeste e o Nordeste, multiplicamos essa ca- pacidade por 2,5 vezes.

**Valor:** O Brasil voltou a ter déficits em conta corrente. Conselheiros do presidente, como Delfim Netto e Luiz Gonzaga Belluzzo, acham que esse déficit vai crescer e o país pode chegar a 2010 numa situação vul- nerável. Esse não poderia ser um constrangimento ao crescimento?

**Aquela história de que a inflação aleija... Aleijar é péssimo! Pode perder perna, braço. Pode até perder a cabeça”**

**Dilma:** O balanço de paga- mentos é algo sempre importan- te. O Mário Henrique Simonsen dizia que a inflação aleija, mas o câmbio mata. Ele tinha toda a razão. Agora, há uma diferença substantiva entre hoje e aquela época. Temos US\$ 200 bilhões em reservas cambiais. Além dis- so, temos um governo alerta, acompanhando e fazendo um esforço grande de expansão das exportações. Tem algo muito im- portante nessa história toda de que não podemos descuidar.

**Valor:** O quê?

**Dilma:** A qualidade da nossa importação. Não podemos mini- mizar o fato de que temos hoje capacidade bastante grande de importar bens de capital (máqui- nas e equipamentos) e, assim, modernizar as nossas plantas in- dustriais. Esses bens melhoram a qualidade da produção e das ex- portações e resolvem gargalos. O atual momento do Brasil tem coisas muito virtuosas.

**Valor:** Que coisas?

**Dilma:** Ele prova que é possível crescer o mercado interno e o ex- terno. Hoje, temos de ter cuidado para não achar que certos dese- quilíbrios momentâneos neces- sariamente perdurarão.

**Valor:** Que medidas o governo to- mará para enfrentar o risco de au- mento rápido do déficit externo?

**Dilma:** Não sou a melhor pes- soa para adiantar quais são as medidas e se serão mesmo to- madas. Não tenho discutido isso. Política industrial haverá, com um forte incentivo às ex- portações. Haverá desoneração fiscal e incentivos a financia- mento de projetos de inovação. A política deve sair neste mês de maio.

**Valor:** A senhora falou em virtu- des do momento atual. Quais se- riam as outras?

**Dilma:** Outra virtude é que esta- mos crescendo com a incorpora- ção de milhões de brasileiros ao mercado de consumo. Isto signi- fica também distribuição de ren- da e igualdade de oportunidades. Antes, existia a dicotomia: “Ou o país cresce ou distribui renda, ou então cresce bastante e depois distribui renda.” Incorporamos milhões de brasileiros via crédito — que é o trivial simples do capi- talismo —, salário-mínimo, em- prego, política social. Temos o Bolsa Família bem focado nos mais pobres, o Luz para Todos, o Pronaf. Nada disso é de graça. Im- plica modificar o perfil do merca- do brasileiro, transformando-o num mercado de massa. Acabou aquela história que estudávamos na universidade, segundo a qual, no Brasil o mercado tinha que crescer só para o consumo de bens duráveis. A China massifi- cou o mercado, mas com uma dis- torção. Com a população que eles têm, não conseguem incorporar a todos. Temos uma população menor no Brasil, então, aqui a in- corporação é mais rápida. Tanto é que os efeitos na nossa distribui- ção de renda são mais visíveis. Ve- jam se há algum país emergente, ou mesmo os EUA, que cresceu distribuindo renda. Esse foi um achado do país. Estamos recom- pondo a mobilidade social, que se dá por vários mecanismos — saúde, educação, emprego etc.

**Valor:** Preocupado com pressões inflacionárias, o Banco Central vol- tou a elevar a taxa de juros, depois de quase três anos de alívio. Simali- zou que o aperto monetário pode ir até o fim do ano. Isso pode abortar o crescimento?

**Dilma:** Estou com o presiden- te. Não podemos pegar um epi- sódio e dizer: “Se aumentar, é um horror; se diminuir, é uma temeridade.” É preciso tratar essa questão com maior naturali- dade. Não me cabe fazer comen- tários sobre decisões do Banco Central. Não é bom para o país. Gente do governo ficar discutin- do se o juro deve ser A, B, C ou D não contribui. Prefiro não fazer essa discussão.

**Valor:** Há um choque de preços de alimentos e o fato de que a Chi- na, que contribuiu durante vários anos para a desinflação no mundo, agora começa a exportar um pouco de inflação.

**Dilma:** Acho que, nesse ques- ito, talvez o Brasil seja o país em melhores condições no mundo.

**Valor:** Por quê?

**Dilma:** A produtividade da produção de alimentos aumen- tou muito nos últimos anos. Ve- jam a nossa capacidade hoje de produzir carne bovina, frango, cereais em geral. Não somos só o celeiro do mundo, mas também um país com uma capacidade estarrecidora nessa área. A Chi- na, a Índia e a África começaram a consumir mais alimentos e is- so está pressionando os preços. Mas o Brasil tem uma reserva enorme de terras agricultáveis e uma forte capacidade de produ- ção do agronegócio, além de uma agricultura familiar extre- mamente produtiva. A pressão inflacionária dos alimentos vai resultar obviamente numa pres- são sobre as exportações. Ocorre que temos a possibilidade de ter uma produção para o mercado interno que poucos países têm. Temos de levar em conta que, se há centros de excelência no Bra- sil, um deles é a Embrapa. Con- jugamos uma série de caracterís- ticas virtuosas para enfrentar o momento.

**Valor:** Quais são?

**Dilma:** Uma é essa que acabei de citar. A outra é energética. E esses são os dois principais pro- blemas do mundo neste mo-



Dilma Rousseff: “Não vejo nenhum problema estrutural insolúvel no curto prazo e nem grandes ameaças à estabilidade”

mento: alimentos e energia. No caso de energia, estou falando de combustíveis em geral. Im- aginem a nossa situação na déca- da de 80, quando o Brasil impor- tava 80% do petróleo consumi- do. Estávamos numa situação di- ficílima, tanto que quebramos. Hoje, temos uma produção de petróleo relativamente estável. Não somos exportadores, mas também não somos mais impor- tadores em grande escala. A Pe- trobras tem 18 anos de reservas, um nível de auto-suficiência re- lativa estável e grandes perspec- tivas no que se refere ao pré-sal. Portanto, temos futuro.

**Valor:** O país tem sido criticado por dar ênfase à produção de bio- combustível, o que pode inflacionar os preços dos alimentos.

**Dilma:** Somos um dos poucos países do mundo que, apesar dos pesares e do que estão falando lá fora, não teve que enfrentar o di- lema que outros enfrentam, que é produzir combustível ou pro- duzir alimentos. Não vão inven- tar agora esse problema porque ele não existe. Se algum outro país tem, é problema dele, não do Brasil. Temos uma balança de combustíveis muito flexível e a arte da segurança energética é ter capacidade de oferecer subs- titutos. Outras vantagens: o Bra- sil só aproveitou 27% da sua ca- pacidade hídrica, tem reserva de urânio que pode entrar num pro- grama de energia nuclear de for- ma consistente, tem possibilida- de de ter gás, pode se dar ao luxo de ter bioeletricidade. Descul- pem-me, mas em termos de ca- pacidade de resistir às próximas décadas, o Brasil está bem po- sicionado. Além disso, o país levou um tempo, mas aprendeu a ter estabilidade macroeconômica. Se a gente tiver calma, cuidado e delicadeza de tratar a conjuntura política e econômica, não há co- mo não termos de fato hoje, no presente, o país do futuro.

**Valor:** Mas, dos BRICs, ainda é o que cresce menos...

**Dilma:** Tem gente que fala “vo- cês não crescem 8% ao ano, ou- tros países o fazem”. Mas, cresce- mos os nossos 5% ao ano com es- tabilidade inflacionária, incor- porando milhões de pessoas ao mercado. Se a gente continuar crescendo assim, e de forma está- vel, é o que nos interessa.

**Valor:** O mundo está se configu- rando, no que diz respeito à infla-

ção, como algo não tão generoso co- mo foi nos últimos anos...

**Dilma:** Mas estamos numa fase boa. Trabalhamos com uma me- ta de inflação que não está no ex- tremo observado por aí. Somos um país que está alcançando o centro da meta e às vezes caindo um pouco abaixo dela. Há uma pressão inflacionária no resto do mundo, mas não faz sentido achar que no Brasil ocorre a mes- ma pressão. Trabalhamos com uma política de metas para infla- ção. Não vamos mudar essa re- gra no meio do jogo.

**Valor:** Faz sentido mudar?

**Dilma:** Ninguém está falando isso no governo.

**Valor:** Mas quando o Ministério da Fazenda e o Ipea afirmam que o governo precisa fazer alguma coisa para melhorar o câmbio, na práti- ca estão defendendo a mudança do regime...

**Não somos só o celeiro do mundo, mas também um país com uma capacidade estarrecidora nessa área”**

**Dilma:** Aquela história de que a inflação aleija... Aleijar é péssi- mo! Pode perder perna, braço. Pode até perder a cabeça.

**Valor:** Perde o Bolsa Família...

**Dilma:** É isso. Perde tudo. A frase do Simonsen diz respeito ao fato de não se ter margem de manobra no setor externo. Isso não significa uma escolha de So- fia, entre o câmbio e a inflação.

**Valor:** Olhando os próximos três, quatro anos, o tripé macroeconô- mico pode ser mudado?

**Dilma:** Fico me perguntando por que alguém mudaria uma coisa que está dando certo. Por que alguém, em sã consciência, muda algo que se provou um dos instrumentos mais fortes para permitir que o país cresça de for- ma estável? Nosso governo não fará isso em hipótese alguma. É uma maluquice a idéia de deto- nar a inflação para salvar o câm- bio. Nunca vi isso dar certo.

**Valor:** Quando o ministro da Fa- zenda diz que o modelo brasileiro não é o do México, mas o asiático,

que mantém as moedas desvalori- zadas a qualquer custo para esti- mular as exportações, ele não está defendendo mudança do modelo?

**Dilma:** Se ele falasse isso para mim, eu entenderia assim: o mo- delo mexicano é fortemente ex- portador, dependente de um só país (os Estados Unidos), com uma imensa dificuldade de se- parar o orçamento de petróleo do orçamento fiscal, baixo po- tencial de crescimento com in- clusão social. O crescimento me- xicano é bom para o México. Prefiro estar aqui com o nosso crescimento.

**Valor:** O Brasil é historicamente um importador de capitais. Isso não mudou. Ainda assim, o minis- tro disse que o governo não permi- tirá a ocorrência de déficits em conta corrente.

**Dilma:** O Brasil não precisa aceitar dicotomias e falsos pro- blemas. Que o déficit em conta corrente, dependendo de certas circunstâncias, é péssimo, não há a menor dúvida.

**Valor:** Mas o câmbio flutuante não ajusta o déficit?

**Dilma:** Em alguns momentos, pode haver viscosidades. Não existe mercado perfeito em câm- bio. A teoria de que o mercado ajusta é a teoria da concorrência perfeita. Não é bem assim. Há ar- bitragem de taxa de juros, níveis de conhecimento diferentes, especulações. O mercado de câm- bio é muito complexo, porque por ele há trânsito de mercadoria e de capitais. O Brasil, nesse con- texto, não pode ser precipitado. Temos justificativas para ter hor- ror da inflação e horror de déficits em conta corrente. O que não podemos fazer é pegar uma oportunidade de ouro, como a de agora, e achar que ela reprisa velhos modelos. Ao mesmo tem- po, não podemos deitar em ber- ço esplêndido. Há várias políticas que podem perfeitamente me- lhorar o balanço de pagamentos.

**Valor:** Por exemplo?

**Dilma:** Política industrial e de exportação. A desoneração fiscal que planejávamos fazer antes de a CPMF cair era mais robusta. Es- távamos num modelo GG. Agora, temos que diminuí-lo. O que está havendo é o cuidado do governo para não tomar medidas que não possa segurar. Temos que tomar esse cuidado por causa do pro- blema fiscal, que eu não posso fingir que não há.